


# Análise dos Processos de Generificação a partir de Estudos Brasileiros: Uma Revisão de Escopo<sup>1</sup>

## *Analysis of Gendering Processes from Brazilian Studies: A Scope Review*

Ruth Almeida Correia<sup>a</sup>, Valexa Moraes de Barros<sup>b</sup>,  
Dafne Serafim Cosendey Toledo<sup>c</sup>, Consuelena Lopes Leitão<sup>d</sup>,  
Marck de Souza Torres<sup>e</sup>

**Resumo** O objetivo do artigo é explorar e sistematizar o conceito de generificação por meio do mapeamento da literatura acadêmico-científica brasileira, por meio da revisão de escopo, nas bases de dados: BVS, Scopus, SciELO, LILACS e Periódicos CAPES no período de 2019 a 2023. Como resultado, foram identificados 196 artigos e 24 foram selecionado para integra a revisão. Os eixos centrais identificados se dividiram em: construção social, generificação e interseccionalidade, atravessamentos da generificação na formação profissionalizante, reafirmação de práticas generificadas e críticas à binariedade hegemônica. A maioria dos artigos foram produzidos e publicados do Sul e Sudeste brasileiro com apenas uma publicação da região Norte. Apesar de não ser conceituado, o termo generificação é problematizado, lançando críticas à binariedade hegemônica e sua construção nos diversos espaços de formação. A literatura científica evidencia a existência dos processos de generificação dentro das produções acadêmicas e no cotidiano, a análise detalhada dos artigos revela escassez de estudos aprofundados que examinem suas nuances e aplicações específicas no contexto cultural brasileiro.

**Palavras-chaves** Generificação. Revisão de escopo. Estudos de Gênero. Socialização. Identidade de Gênero.

**Abstract** *The objective of the article is to explore and systematize the concept of gendering through the mapping of Brazilian academic-scientific literature, through a scoping review, in the databases: VHL, Scopus, SciELO, LILACS and CAPES Periodicals in the period from 2019 to 2023. As a result, 196 articles were identified and 24 were selected*

a Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: ruthalcorreia@gmail.com

b Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: alexabarros25@gmail.com

c Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: dafnectoledo@hotmail.com

d Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: consuelena@ufam.edu.br

e Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: marcktorres@ufam.edu.br

1 Financiamento: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM. Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

*to be part of the review. The central axes identified were divided into: social construction, gendering and intersectionality, intersections of gendering in professional training, reaffirmation of gendered practices and criticism of hegemonic binarity. Most of the articles were produced and published in the South and Southeast of Brazil with only one publication from the North region. Despite not being conceptualized, the term generification is problematized, criticizing the hegemonic binary and its construction in different training spaces. The scientific literature highlights the existence of gendering processes within academic productions and in everyday life, a detailed analysis of the articles reveals a lack of in-depth studies that examine their specific nuances and applications in the Brazilian cultural context.*

**Keywords** Gendering. Scope Review. Gender Studies. Socialization. Gender Identity.

A origem etimológica do termo gênero vem do latim *genus*, que significa “tipo”, “família”, “origem” ou “nascimento” (Carvalho, 2020, p. 359). A história do conceito envolve contribuições de diferentes campos acadêmicos, a sua evolução foi marcada pela colaboração de Butler (1990) com a teoria da performatividade de gênero, e Rubin (1975) ao abordar o gênero dentro de um contexto de sistemas de opressão, ampliando a compreensão das questões de gênero.

No campo da psicologia, o termo “gênero” começou a ser usado em estudos sobre identidade e papel social na década de 1950, influenciado pelos trabalhos de psicólogos como Money (1955) e Stoller (1968) que distinguiram sexo biológico de identidade de gênero, destacando o seu caráter socialmente construído. Na perspectiva feminina da psicologia, Bem (1974) desenvolveu a Escala de Papéis de Gênero, ampliando as discussões sobre identidade de gênero, enquanto Gilligan (1982) explorou questões de gênero na moralidade e desenvolvimento humano, questionando as normas convencionais de comportamento feminino e masculino (Tamanini, Quagliato, 2022, p. 108).

De início, os estudos sobre gênero elaboraram construtos para entender a subordinação do sexo feminino, sendo fundamentada na convenção do pensamento moderno que opera seu entendimento a respeito das configurações dos gêneros na sociedade com base em uma perspectiva binária e de caráter universal (Bento, 2017, p. 66). A ideia de gênero foi se modificando conforme o tempo, para Butler (2014) gênero não se enquadra como uma regra e sim uma norma socializante que se perpetua de forma silenciosa com as idealizações generificadas entre ideais femininos e masculinos. Gênero não é o que alguém “tem” ou “é”, pois não é inerente e não deve ser entendido como uma característica fixa do indivíduo, trata-se de atos de performatividade que se constroem de maneira dinâmica.

No Brasil, a iminência do conceito de gênero ocorre especialmente nos movimentos sociais de mulheres e feministas da década de 1980 (Curado, Jacó-Vilela, 2021, p. 4), com conquistas que se deram para além do âmbito científico. Atualmente os estudos sobre gênero estão se ampliando e transformando perspectivas em diversos campos científicos, sendo um estudo interdisciplinar, com destaque nas ciências humanas.

Alguns estudos foram precursores, como os de Saffioti (1976), Motta-Maués (1977), Grossi (1988), Gregori (1988) e Koller (1990), que abordavam temas como violência de gênero e suas intersecções. Esses estudos não apenas contribuíram para as discussões acadêmicas, mas inspiraram pautas nos movimentos feministas pelo acesso e garantia de direitos. Dentre as autoras citadas se destacam nacionalmente as oriundas das regiões Sul/Sudeste, em detrimento de autoras do norte do país como Iraildes Torres <sup>2</sup>(1997) e Iolete Silva (2009) que pesquisam sobre gênero na Amazônia.

Considerando este contexto, ainda persistem as tentativas de desqualificação e apagamento dos estudos e pautas de gênero, com destaque nos últimos anos, exemplo disso ações governamentais minaram e distorceram diversos avanços conquistados. O governo Bolsonaro (2019 - 2022) tornou-se popularmente conhecido por difundir desinformação a respeito da temática gênero. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2023) apontou que a gestão do ex-presidente foi a que menos aplicou investimento em políticas e programas voltados a mulheres e a igualdade de gênero desde 2004, além de promover desmonte de políticas existentes, privilegiando uma visão cisheteronormativa, reduzindo a construção generificada de mulher e família de acordo com uma visão tradicional, sem considerar a diversidade de mulheres no Brasil.

A generificação é um processo de construção social que ocorre em conformidade com as normas de gênero dominantes. Esse processo incorpora os conceitos relativos ao gênero em diversos aspectos da sociedade, como instituições, fenômenos, relações e até mesmo em pessoas, que são socializadas de acordo com essas normas (European Institute for Gender Equality - EIGE 2016)<sup>3</sup>. A generificação está vinculada à construção cultural, o qual integra-se de vários elementos, como valores, práticas e expressões, que produzem representações de feminilidade

---

2 Optou-se por escrever os nomes completos das autoras para dar destaque e criar uma maior familiarização com nomes do Norte do país.

3 [https://eige.europa.eu/publicationsresources/thesaurus/terms/1339?language\\_content\\_entity=pt#:~:text=No%20que%20respeita%20%C3%A0s%20pessoas,g%C3%A9nero%20\(fluid%20de%20g%C3%A9nero\)\(Acesso em 15/03/2024\)](https://eige.europa.eu/publicationsresources/thesaurus/terms/1339?language_content_entity=pt#:~:text=No%20que%20respeita%20%C3%A0s%20pessoas,g%C3%A9nero%20(fluid%20de%20g%C3%A9nero)(Acesso em 15/03/2024)

e masculinidade incorporados e aprendidos pelos indivíduos (Wenetz, 2013, p. 199). Falar de generificação é entender que os ambientes sociais são desenvolvidos para constituírem mulheres e homens sob um conjunto de normas, estas os condicionam a ter comportamentos de acordo com seus respectivos gêneros, o que conseqüentemente afeta o modo e os sentidos destes se relacionarem com o mundo, seja por práticas discursivas ou não, formando sujeitos generificados (Santos et al., 2020, p. 147).

Este processo de generificação ocorre antes do nascimento, quando estereótipos de sexo/gênero são idealizados, como a associação da cor azul ao masculino e a cor rosa ao feminino. O machismo estrutural tem sua base generificada, e é reproduzido de maneira cultural em falas do cotidiano, como “cuide da sua cabra que meu bode está solto”, homens são ensinados a serem violentos, a “Não chorar”, “Ser forte”, “Mostrar virilidade”, enquanto mulheres naturalizam discursos como “Não seja grossa”, “Cuide do outro”, “Seja gentil”, sendo ensinadas a suportar e a não reagir, esses discursos não surgem mediante determinada situação ou acontecimento, mas estão intrinsecamente ligados à construção social desses corpos e identidades, pois são atribuídos de acordo com as normas de gênero binária.

Em pesquisa nas bases de dados de artigos científicos, pôde-se observar que os termos generificada/generificado/generificação começaram a ser introduzidos gradativamente em estudos relacionados a gênero no Brasil por volta do ano de 1996. Por se tratar de um conceito emergente no país, apesar de existirem atualmente autoras como Bento (2017) e Louro (2018) que falam sobre generificação, não há ainda uma conceituação concreta sobre termo no Brasil, sendo a definição dada pela EIGE oriunda de um glossário europeu, abrindo assim lacunas para o entendimento deste conceito, tanto para o meio acadêmico, como para fora dele.

Portanto, o presente estudo tem o objetivo de explorar as concepções do termo generificação por meio do mapeamento de artigos na literatura acadêmico-científica brasileira. Este se mostra relevante ao propor o levantamento do tópico, propagando a relevância do conceito de generificação para que se torne evidência no âmbito da pesquisa, demonstrando suas ramificações e impacto na construção de identidades e da sociedade.

## MÉTODO

Foi desenvolvida uma revisão de escopo seguindo os critérios do manual da *Joana Briggs Institute (JBI)* baseada nas recomendações do guia internacional *PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR)*. Inicialmente foi criado um protocolo para orientar e pré-definir os objetivos, o método e critérios de

inclusão e exclusão, garantindo transparência e parâmetros para a revisão (Peters et al., 2020<sup>4</sup>).

Para conduzir a formulação da pergunta norteadora, utilizou-se a estratégia População Conceito e Contexto (PCC) com a seguinte questão: De que forma a generificação está sendo abordada na literatura científica nacional? Desse modo, foram definidos com base na pergunta norteadora: População – pesquisa científica; Conceito – generificação e contexto – Brasil.

Como critério de inclusão foram utilizados: (1) produções brasileiras; (2) artigos publicados em revistas científicas; (3) artigos com acesso aberto; (4) artigos produzidos nos últimos cinco anos; (5) artigos que abordam como tema central, ou subtema, o conceito de generificação. Foram excluídos artigos duplicados, (1) artigos teóricos; teses; capítulos de livros; (2) artigos pagos; (3) artigos incompletos; (4) pesquisas em andamento; (5) artigos sobre outros países; (6) artigos produzidos a mais de cinco anos; (7) artigos onde a generificação não é um dos temas principais; (8) artigos de revisão de literatura (narrativas, sistemáticas ou de escopo).

As buscas foram realizadas em novembro de 2023 utilizando como descritor o termo Generificação e as variações Generificado e Generificada, para abranger o alcance da busca. As bases de dados utilizadas foram Biblioteca Virtual em Saúde – BVS, *Scopus* (via Portal CAPES), *Scientific Electronic Library Online* – SciELO, Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS (via BVS) e Periódicos CAPES.

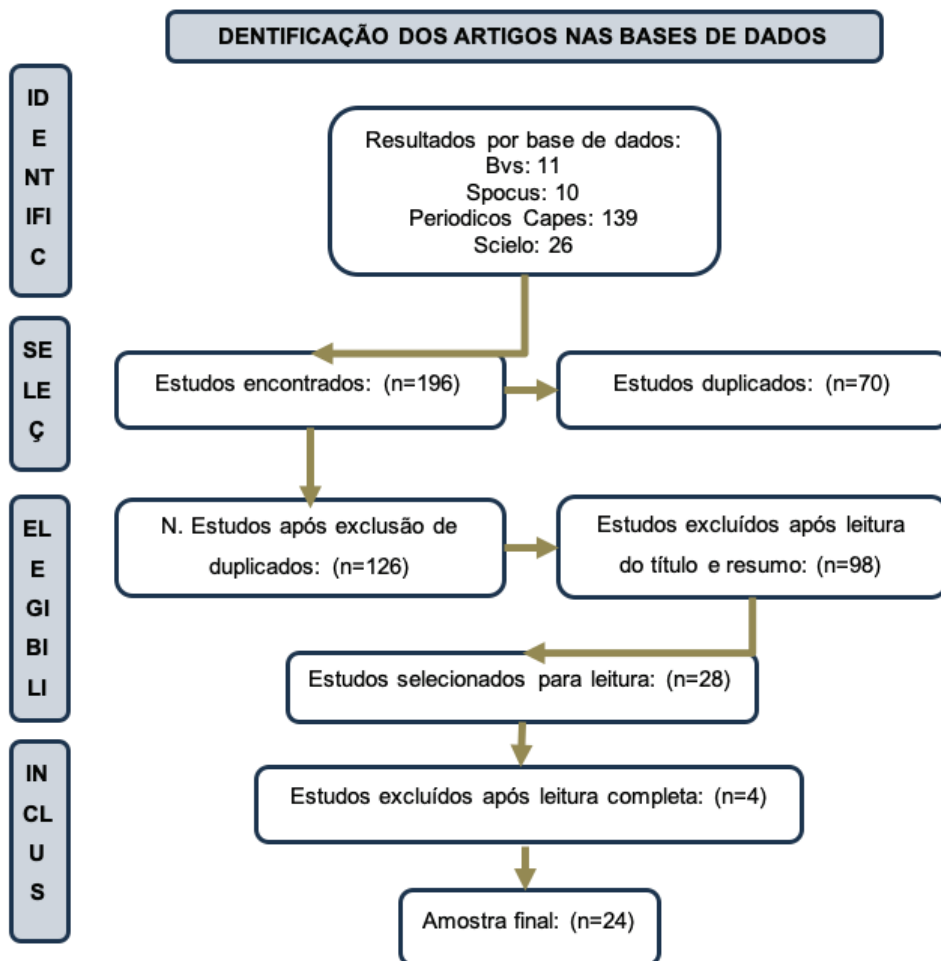
Os resumos dos artigos foram alocados no aplicativo *Rayyan* desenvolvido pelo *Qatar Computing Research Institute* (QCRI) para análise. Posteriormente, artigos foram avaliados seguindo os critérios de inclusão e exclusão por duas juízas independentes, e os conflitos foram resolvidos por discussão com o auxílio de uma terceira juíza, para chegar a um consenso.

Para a coleta dos dados, foi extraído e sintetizado os elementos essenciais identificados nos artigos selecionados, usando um instrumento elaborado para este estudo com a ferramenta Microsoft Excel para a tabulação dos dados. Os dados extraídos abrangiam as seguintes categorias: ano de publicação; autores; título do artigo; revistas de publicação; área de conhecimento; campos de estudo; tipo de artigo; objetivo principal; método (delineamento do estudo), resultados e conceituação do termo generificação.

---

4 <https://jbi-global-wiki.refined.site/space/MANUAL/4687810/11.2+Development+of+a+scopin+g+review+protocol> (Acesso em 15/03/2024)

Foi identificado por meio da estratégia de busca 196 artigos, excluindo-se 70 por serem duplicados. Dos 126 estudos restantes, 98 destes foram excluídos após a leitura do título e resumo por não cumprirem os critérios de inclusão. Por fim, 28 artigos foram lidos na íntegra, sendo excluídos 4, pois a generificação não é era um dos temas principais, restando o total de 24 artigos (Figura 1).



**Figura 1.** Fluxograma da seleção de estudos

Das características das publicações dos 24 estudos selecionados, foram destacados os seguintes dados para compor a presente revisão: autoria, ano, campo de estudo, método, objetivos e principais resultados (Quadro 1). Para análise foi realizada uma divisão dos artigos em cinco eixos referentes aos seus principais resultados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a leitura dos artigos foi identificado que entre os estados, o estado de São Paulo (n = 6) está em evidência, seguindo do Rio de Janeiro (n = 5), Rio Grande do Sul (n = 5), Pernambuco (n = 2), Bahia (n = 2), Santa Catarina (n = 1), Sergipe (n = 1), Pará (n = 1) e Goiás (n = 1), sendo a maioria dos estudos produzidos na região Sudeste (n = 12), seguida das regiões Sul (n = 7), Nordeste (n = 6), Norte (n = 1) e Centro-Oeste (n = 1).

Nos últimos cinco anos (2018 – 2023), foi o ano 2018 que obteve a maior produção de artigos (n = 6), seguindo de 2019 (n = 5), 2022 (n = 5), 2021 (n = 3), 2023 (n = 3) e 2020 (n = 2). Identifica-se que a maior parte dos estudos foram escritos por dois a cinco autores (n = 18), em comparação às produções feitas por um autor (n = 6), e do número total de artigos, a maioria tiveram mulheres como primeiras autoras (n = 13).

Acerca das áreas de conhecimento, cabe destacar o campo de estudo da Educação (n = 13), seguido do Direito (n = 2), Educação Física (n = 2), Administração (n = 2), Fonoaudiologia (n = 1), Medicina (n = 1), Cinema (n = 1), Enfermagem (n = 1) e Psicologia (n = 1), observa-se que a área das ciências humanas é o ramo que mais elabora estudos referente a generificação.

**Quadro 1.** Dados sistemáticos dos artigos selecionados

| Autoria                                 | Campos de Estudo | Objetivos   | Principais Resultados   |
|---|------------------|---|---|
| 1<br>Saraiva & Gonzalez (2018)          | Educação         | Problematizar a experiência de corporeidade promovida pelo uso do aplicativo Pou.   | O gênero do avatar, comumente é constituído segundo as regras dominantes. Conceitos sobre saúde e beleza presentes na cultura se atravessam na percepção das crianças sobre o avatar, e os cuidados com este se atravessam na relação delas com seus próprios corpos. |
| 2<br>Vasconcelos, Cardoso, Félix (2018) | Educação         | Problematizar alguns modos em que aprendizagens de gênero ocorrem nos currículos, mostrando-nos como homens e mulheres devem ser e se relacionar consigo e com os outros. | Tatear pela escrita, uma política, um outro, uma narrativa que possa ousar desdizer todo um longo histórico de aprendizagens de gênero, desfazendo gênero e corpos generificados assim como são destituídos no filme em análise.                                      |

Continua...►



**Quadro 1.** Dados sistemáticos dos artigos selecionados. (Continuação...)

| Autoria                                  | Campos de Estudo | Objetivos  | Principais Resultados  |
|--|------------------|--|--|
| 3<br>Oliveira et al.<br>(2018)           | Educação         | Descrever as perspectivas de gênero presentes na prática pedagógica de cursos de Enfermagem da cidade de Goiânia.  | Há uma lógica em que o sexo biológico determina o gênero, sobretudo nos documentos que regem o processo de formação, mas que as ideias de multiplicidade das sexualidades, dos gêneros e dos corpos também disputam reconhecimento, ao serem reveladas na curiosidade, nos questionamentos e conflitos.                |
| 4<br>Souza (2018)                        | Educação         | Refletir sobre os discursos produzidos pelas danças produzidas e veiculadas midiaticamente, inscrevendo nos corpos infantis modos generificados de ser e de comportar-se.  | No dispositivo pedagógico da mídia as estratégias de poderes e saberes que produzem subjetividades que afirmam que enquanto as crianças se divertem e são provocadas por diferentes sentimentos e desejos quando dançam, inscrevem em seus corpos marcas e normas generificadas consideradas desejáveis e necessárias. |
| 5<br>Ribeiro<br>(2019)                   | Educação         | Analisar as marcas de colonialidade na produção generificada do brinquedo de miriti.   | Dois aspectos da colonialidade de gênero constituem a produção generificada do brinquedo de miriti: o catolicismo e o patriarcalismo.  |
| 6<br>Silveira,<br>Meyer, Félix<br>(2019) | Educação         | Explorar a potência analítica do conceito de gênero, para produzir outras reflexões no âmbito do PSE e das demais políticas de inclusão social que reverberam na formulação de diretrizes que problematizam a incorporação naturalizada de atributos femininos e masculinos aos exercícios profissionais e às práticas institucionais. | Tais processos de generificação, postos em curso pelo PSE, acabam por ressignificar processos de trabalho e subjetivar profissionais, homens e mulheres, que neles se envolvem.  |

Continua...▶



**Quadro 1.** Dados sistemáticos dos artigos selecionados. (Continuação...)

| Autoria  | Campos de Estudo | Objetivos   | Principais Resultados   |
|--|------------------|---|---|
| 7<br>Moreira,<br>Prado,<br>Cavaleiro<br>(2019)     | Educação         | Discutir a percepção que jovens jogadoras de futebol de uma equipe do interior paulista possuem de si mesmas, frente às relações de gênero e sexualidade.     | Os achados descrevem o futebol como prática social generificada e generificante, produtora de corpos/subjetividades que são gerenciados pelos dispositivos de gênero e sexualidade.                     |
| 8<br>Costa-Júnior,<br>Almeida,<br>Correr<br>(2019) | Psicologia       | Investigar as concepções de psicólogas atuantes no contexto hospitalar e ambulatorial sobre relações de gênero e saúde.                                       | Os dados ratificam outros achados de pesquisas no campo da saúde ao indicar o processo de generificação de práticas em saúde e seus possíveis desdobramentos no atendimento prestado.                   |
| 9<br>Couto Junior<br>et al. (2020)                 | Educação         | Refletir sobre o enquadramento dos corpos infantis em categorias estáticas, hierarquizantes e binárias expressos em vídeos de “chás de revelação” do YouTube. | As narrativas presentes nos “chás de revelação” demonstram a necessidade de problematizar as tradições culturais que reforçam a compreensão estereotipada do gênero desde os primeiros anos da criança. |
| 10<br>Rios, Dias,<br>Vieira<br>(2020)              | Educação         | Refletir sobre a construção das relações de gênero a partir dos brinquedos e das brincadeiras entre meninos e meninas durante o recreio escolar.              | Os brinquedos e brincadeiras durante o recreio constituem-se enquanto espaço de produção de sujeitos que vivem dentro de um contexto social e histórico, reproduzindo o que é ser menino e ser menina.  |
| 11<br>Garcia &<br>Pereira<br>(2021)                | Educação         | Compreender a dinâmica de relações entre as masculinidades na formação superior de Educação Física.   | Resultados divididos em três categorias para discussão: Exclusão; Conotações sexuais; Processos fóbicos e ridicularizações.   |
| 12<br>Silva Junior<br>(2021)                       | Educação         | Analisar as práticas curriculares em uma escola municipal da cidade de Olinda, produtoras de identidades generificadas e processos de subjetivação diversos.  | Os materiais analisados ao silenciar as diferenças, reproduzem ensinamentos quanto ao adequado ou inadequado perante principalmente as práticas generificadas dos conteúdos didáticos.                  |

Continua...►

**Quadro 1.** Dados sistemáticos dos artigos selecionados. (Continuação...)

| Autoria  | Campos de Estudo          | Objetivos   | Principais Resultados  |
|--|---------------------------|---|--|
| 13<br>Chotolli & Brancaleoni (2022)            | Educação                  | Entender como a vivência escolar é marcada por questões generificadas em torno de binarismos existentes.  | No cotidiano escolar, há uma constante reafirmação de práticas generificadas ao considerar os papéis sociais atribuídos a Meninas e Meninos em suas diversas atividades escolares.   |
| 14<br>Carvalho Filho, Maknamara, Chaves (2022) | Educação                  | Investigar a proveniência de um modo particular de produção de masculinidades a partir da categorização dos 'homens difíceis' das narrativas seriadas e analisar o modo como o feminino também é enunciado nesse currículo. | Os discursos generificados apontam aquilo que é pensável e dizível acerca dos gêneros e das sexualidades de um determinado tempo.  |
| 15<br>Bonelli (2021)                           | Direito                   | Analisar a docência do Direito no Brasil, focando em como o processo de generificação e racialização é produzido ao longo da formação dos sujeitos docentes e das oportunidades e dos constrangimentos na carreira          | Os sujeitos dão sentidos diversos ao que seja profissionalismo e diferença, como resultado das experiências que os constituíram em sujeitos profissionais situados em processos de generificação e racialização que envolvem o trabalho das emoções. |
| 16<br>Pimentel (2022)                          | Direito                   | Tratar de métodos e metodologias utilizadas na construção de um arcabouço teórico para a realização de campo e para a análise do material sobre processos de gênero, trajetórias e campo jurídico.                          | Trata-se de processos generificados, posto que essa existência molda e determina todas as relações sociais, mas desenvolvidos segundo parâmetros do campo e de suas estruturas.  |
| 17<br>Fraga & Oliveira (2022)                  | Administração Trabalhista | Analisar a construção de projeto(s) de gênero, com referência a masculinidades e feminilidades, na carreira de comissárias(os) de voo.  | Embora os conteúdos do curso não tenham qualquer relação com sexo-gênero, todo aprendizado é generificado. Os movimentos são binários, indicando formas distintas de agir para homens e mulheres.  |

Continua...▶

**Quadro 1.** Dados sistemáticos dos artigos selecionados. (Continuação...)

| Autoria                      | Campos de Estudo | Objetivos  | Principais Resultados  |
|------------------------------|------------------|--|--|
| 18<br>Coelho & Häyrén (2023) | Administração    | Investigar a relação entre parentalidade e carreira em uma corporação norueguesa no Brasil, pelas lentes da teoria das Organizações Generificadas de Joan Acker.   | Necessidade de abordar organizações e carreiras x família considerando a parentalidade e trabalho do cuidado, ao invés de maternidade apenas.  |
| 19<br>Somariva & Cruz (2018) | Educação física  | Analisar um caminho didático-pedagógico que articula se o trato do conteúdo futebol com uma postura coeducativa.   | As relações de gênero entre adolescentes, durante a prática do futebol, são hegemonicamente masculinas, mas após vivenciarem a problematização da experiência coeducativa, novas alternativas de sociabilidade e aprendizagem podem surgir, questionando a generificação ali presente. |
| 20<br>Sacramento (2018)      | Enfermagem       | Compreender como as tecnologias de saúde estão marcadas pelos papéis de gênero, com base naquelas utilizadas para a erradicação da varíola (anos 1960 e 1970) materializaram imaginários de masculinidade de feminilidade. | As tecnologias de saúde pública foram agenciadas de modo a materializar diferentes significados de masculinidades e feminilidades a depender do contexto social na qual estavam localizadas.   |
| 21<br>Pereira & Azize (2019) | Medicina         | Compreender como o corpo masculino é representado e materializado no processo de viabilização de uma “pílula masculina”, e debater o caráter generificado das concepções e intervenções biomédicas.                        | A função reprodutiva dos homens cisgêneros é construída como complexa e resistente a intervenções farmacológicas, enquanto o corpo feminino cisgênero é configurado como mais acessível para a realização da contracepção.   |

Continua...▶

**Quadro 1.** Dados sistemáticos dos artigos selecionados. (Continuação...)

| Autoria                       | Campos de Estudo | Objetivos   | Principais Resultados  |
|-------------------------------|------------------|---|--|
| 22<br>Silva & Ferreira (2023) | Educação física  | Analisar até que ponto o setor da musculação pode ser considerado um espaço generificado e sexualizado.   | Os espaços no interior dos estabelecimentos e as interações sociais entre os (as) frequentadores (as) se estabeleciam de modo eminentemente binário e sexista.   |
| 23<br>Giroto et al. (2023)    | Fonoaudiologia   | Discutir sobre a produção da voz entre práticas e tecnologias biomédicas de generificação, nos encontros entre hormônio de testosterona e as ações de fonoaudiologia. | A voz surge do encontro, ao mesmo tempo sociais e biológicas, políticas e técnicas, humanas e não humanas, embaralhando realidades que o diagnóstico de incongruência de gênero tenta purificar, pois sustentam os hormônios como biotecnologias que aliam um corpo a uma coerência entre genitália e gênero, procurando separar o biológico e o social. |
| 24<br>Machado & Lopes (2022)  | Cinema           | Tensionar as relações e representações de gênero a partir da análise do curta-metragem Pink or Blue (2017).   | Pink or Blue apresenta um instantâneo dos ensinamentos sociais que são passados para as pessoas desde seu nascimento, buscando encaixá-las em padrões pré-estabelecidos a partir das genitálias.   |

Com relação aos objetivos foram identificados, os seguintes temas: categorias binárias de gênero (4, 9, 12, 10, 13, 5, 2), generificação nos processos de saúde e práticas biomédicas (21, 8, 6, 20, 23), generificação no campo das profissões e espaços profissionalizante (22, 7, 3, 11, 18) e generificação nas produções audiovisuais (16, 17, 15, 19). Partido destes objetivos, os artigos demonstram como ocorrem as construções dos processos de generificação dentro dos contextos culturais, sociais, educacionais, profissionais, dentre outros aspectos. Ao analisar esses estudos é possível notar o quanto a generificação desempenha uma influência considerável sobre os desenvolvimentos do indivíduo, impondo condutas e ditando normas que condicionam sujeito a um padrão hegemônico.

Nos resultados dos 24 artigos selecionados, foram identificados cinco principais eixos, no primeiro eixo apontam-se as pesquisas que se referem a generificação como o um produto da construção social (09, 24, 04, 01, 14, 10, 12, 11, 16, 20), o segundo eixo contém os estudos que mencionam a interligação da generificação à interseccionalidade (5, 21, 15), o terceiro eixo integra os artigos que são evidenciados pelos atravessamentos das questões de gênero na formação profissionalizante (18,17,22), no quarto eixo as pesquisas demonstraram a reafirmação de práticas generificadas (6, 8, 13, 7) e o quinto eixo é composto por estudos que lançam críticas à binariedade hegemônica (19, 3, 23, 2).

## CONSTRUÇÃO SOCIAL

Neste eixo, a cultura aparece generificada e normalizada, ao associarmos corpos ao padrão binário de gênero antes mesmo do parto, criticando a prática generificada na construção social dos indivíduos que são ensinados a performar papéis a partir de sua genitália (Couto Junior et al., 2020, p. 15; Silva e Lopes, 2022, p. 92).

As marcas generificadas estão presentes em produções audiovisuais que englobam jogos, cinema, séries e outras forma de mídia que se configuram como uma “Pedagogia Cultural” que reforça padrões hegemônicos, especialmente em crianças. Os meios de comunicação desempenham um papel significativo na educação infantil, devido ao acesso à tecnologia desde cedo (Souza, 2018, p. 2). Com a exposição à tecnologia, Saraiva e Gonzalez

(2018) identificam que o processo de generificação ocorre em caracterizações de personagens em jogos online voltados ao público infantil, a qual reflete às normas binárias de gênero, podendo influenciar em sua construção social.

Nas escolas, no recreio, existem brincadeiras e brinquedos de “meninas” e de “meninos”, tais práticas generificadas são passadas de forma naturalizada, sendo consideradas padrão pela ótica binária (Rios, Dias, Vieira, 2020, p. 281). A normalização de ideais femininos e masculinos em livros didáticos infantis pode reforçar estereótipos sobre o papel de mulheres e homens, como a princesa que sempre precisa ser salva pelo herói. As crianças em fase de desenvolvimento se alfabetizam lendo tais histórias e são ensinadas a reproduzir essas normativas de gênero, tornando o papel do professor fundamental nesse período ao questionar e problematizar essa norma. A politização em sala de aula é um dos argumentos propostos por Silva Júnior (2021), destacando os professores como promotores de questionamentos das normatizações generificadas, principalmente nos livros didáticos.

Em seriados, o papel social midiático reforça estereótipos, fazendo a imagem do homem “difícil de lidar” aceitável, desde que ele exerça o papel da masculinidade dentro do amor romântico (ser bruto, mas atencioso/ ser difícil de lidar, mas sedutor) tais conteúdos, geralmente, são voltados ao público feminino, reforçando comportamentos atribuídos a gênero, para o masculino a virilidade, e para o feminino a passividade (Carvalho Filho, Maknamara, Chaves, 2022, p. 10).

Essas reproduções sociais também são observadas nos achados de Garcia e Pereira (2021), os autores constataam que esportes são mais associados à masculinidade, por isso, a inserção da mulher nesses ambientes, problematizam questões como exclusão, discursos com conotações sexuais pejorativas, processos fóbicos e ridicularizações de corpos ligados ao feminino. A pesquisa aponta como a generificação na própria construção curricular afastam as mulheres da prática do esporte, associada a discriminação de gênero. Esse processo afeta outros campos, como demonstra Pimentel (2022) ao estudar os processos generificados dentro do campo jurídico, seja na atuação profissional ou acadêmica. Sacramento (2018) apresenta este viés das tecnologias de saúde pública, com reforçamento do papel de cuidado atribuído mais a mulheres, no entanto destaca o potencial de desconstrução desse modelo a depender do contexto social para qual são construídas.

A partir dos artigos analisados, destaca-se que a generificação é uma construção social que interfere nas relações de poder entre as pessoas a partir de como a prática generificada emerge das normas de gênero dominante.

## **GENERIFICAÇÃO E INTERSECCIONALIDADE**

A construção de gênero acontece em todos os ambientes ao longo da história dos indivíduos, independentemente de classe social, raça e etnia, contudo esses marcadores sociais delimitam lugares de poder em determinados contextos. Atrelados a normas e estruturas sociais que perpetuam desigualdades e hierarquias de gêneros que vem de padrões impostos a partir da colonização. O estudo de Ribeiro (2019) aponta que tanto o catolicismo como o patriarcalismo são aspectos da colonialidade de gênero que formam a produção generificada do brinquedo miriti. Esta produção é dividida entre o trabalho que deve ser exercido pela mulher, que envolve pintura e acabamento das peças, e o trabalho exercido por homens, que envolve cortar, modelar e lixar. A divisão das atividades exercidas demonstra um padrão generificado, ao ser concebido que mulheres devem ficar com os trabalhos considerados “leves” e homens com os trabalhos considerados “pesados” e que exigem maiores habilidades que teriam capacidades superiores de exercer tais funções. Atualmente ainda podemos verificar as marcas da colonização no Brasil e em especial na região

norte, pois foram moldados a partir das marcas de gênero impostas pelo invasor que em sua perpetuação reverbera nos modos de ser, a violação sofrida pelos povos originários dita as normativas de gênero trazidas pelo eurocentrismo.

Na área da saúde, Pereira e Azize (2019) sinalizam que nos homens cisgênero, a função reprodutiva é construída como algo complexo e que resiste a intervenções farmacológicas, enquanto o corpo de mulheres cisgênero é colocado como uma estrutura mais acessível para fazer a contracepção. Assim, comercializar um anticoncepcional masculino é contradizer as normas patriarcais e negar o papel de reprodução imposto às mulheres. Não é conveniente conceber a liberdade feminina nem prejudicar a saúde do homem, a performatividade deste é como provedor, sem necessitar ter preocupações com o cuidado, seu ou de sua(s) parceira(s).

A pesquisa de Bonelli (2021) fez uma análise de como o processo de generificação e racialização eram produzidos no decorrer da formação dos docentes de direito, assim como, das oportunidades e dos constrangimentos na carreira. A racialização está interseccionada com as desigualdades de gênero, e se faz presente em vários contextos da sociedade, esse processo naturaliza a presença de determinados grupos em alguns espaços, bem como a ausência destes, como por exemplo, a maior presença de homens brancos no corpo docente do curso de direito. O processo de racialização, assim como, a generificação está envolvido intrinsecamente a imposição de categorias de criam grupos subordinados/superiores e grupos dominantes/inferiores.

## **ATRAVESSAMENTOS DA GENERIFICAÇÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONALIZANTE**

Em sua maioria, os conteúdos dos cursos profissionalizantes são atravessados por lógicas binárias de gênero. Durante o curso de comissário de bordo os conteúdos ensinados vinculam determinados comportamentos à feminilidade (Fraga e Oliveira, 2022, p. 10). Se associa a função de comissários de bordo a mulheres, pois o papel social destas é servir e cuidar, e se homens demonstram estes comportamentos, a sua sexualidade é posta em discussão. As mulheres conseguiram seu espaço e ainda lutam por ele, porém lhes foi reivindicado seus corpos como propriedades e a comercialização da sua feminilidade.

Do mesmo modo, Coelho e Häyrén (2023) fazem uma análise a partir da Teoria das Organizações Generificadas de Joan Acker (1990) em uma empresa norueguesa no Brasil, ressaltando que as organizações hierárquicas não são neutras em termos de gênero, apesar da Noruega ter um alto índice de igualdade de gênero, a instituição em questão segue as estatísticas do Brasil. Socialmente



a desigualdade de gênero é vista como um processo a ser enfrentado, contudo na prática atua disfarçadamente sendo normalizada no âmbito profissional, mulheres são afetadas pela possibilidade de um dia serem mães enquanto homens são postos em cargos de liderança independente da paternidade.

Mesmo espaços destinados à promoção saúde podem agir de maneira generificada, como o setor de musculação de uma academia. Silva e Ferreira (2023) percebem este espaço como binário, visto que as interações sociais dos frequentadores e dos profissionais, são regidas por padrões de gênero, pois a generificação é passada desde a formação profissional. Por isso, desconstruir os atravessamentos de gênero na formação de carreira, pode influenciar a atuação de profissionais e a interação destes com o seu ambiente.

### **REAFIRMAÇÃO DE PRÁTICAS GENERIFICADAS**

As práticas generificadas permanecem na sociedade pois são reafirmadas em diversos espaços, como no esporte. O futebol é visto como um esporte masculino e reprodutor de virilidade e age de acordo com a norma binária de gênero, assim se torna um campo fechado para diversidades pois a visibilidade é dada a homens cisgênero comumente heterossexuais (Moreira, Prado, Cavaleiro, 2019, p. 09).

O mesmo acontece no espaço educacional, sendo este um dos principais ambientes para exercer subjetividades, tornando-se um local onde os padrões generificados são exercidos e disseminados e os processos de generificação são reafirmados (Chotolli e Brancaleoni, 2022, p. 04). Ao analisar a generificação no ensino de enfermagem em Goiás, Silveira, Meyer, Félix (2019) constatou que, apesar de em uma disciplina os docentes abordarem temas relacionados gênero, sexo, raça, classe social e religião, constata-se que nas demais disciplinas há escassez de temas voltados a gênero, o que leva ao desconhecimento e associações deste ao sexo biológico.

Com o passar dos anos, surgem novos paradigmas na educação, e os docentes passam pelo choque geracional precisando se adaptar às temáticas que emergem, transmitir através da docência as novas configurações que surgem pode ser um caminho para quebra da constatação das normas generificadas que assimilam ao corpo masculino o trabalho e o feminino reprodução (Costa-Júnior, Almeida, Correr, 2019, p. 16).

### **CRÍTICAS À BINARIEDADE HEGEMÔNICA**

O padrão heteronormativo segue como uma norma que rege a sociedade, sendo um preceito hierarquizante e arbitrário, ele propicia as construções hegemônicas

generificadas, que privilegiam o homem e subordinam a mulher. Somariva e Cruz (2018) destacam que durante a prática do jogo de futebol, as relações de gênero entre os adolescentes se davam de forma hegemonicamente masculinas, contudo, através de uma postura coeducativa foi possível problematizar esse padrão e abrir margens para que novas possibilidades de sociabilidade e aprendizagem possam se manifestar, de modo que a generificação presente naquele âmbito seja questionada.

A construção hegemônica generificada é apontada por Vasconcelos, Cardoso, Félix (2018) que debate os modos de aprendizagem de gênero nos currículos, por uma educação que faça a transgressão de “modos de ser” divididos pelas práticas binárias. No meio escolar falar sobre gênero e tecer críticas a sua construção, tende a ser visto pelos pais como uma ameaça aos valores morais tradicionais, e interpretado como uma indução precoce à vida sexual ou uma imposição à orientação sexual, o que dificulta a abordagem do tema e abre margem para ocorrências de violências.

A generificação afeta pessoas transsexuais, Giroto et al. (2023) identificam que aspectos biomédicos buscam encaixá-las dentro de normativas de gênero. Apesar da transgeneridade romper com a ótica binária, os indivíduos ainda são vistos por esta e colocados dentro dos padrões generificados. Portanto, discutir as performatividades normativas é olhar com criticidade para o coletivo.

Os estudos questionam e criticam as construções binárias hegemônicas generificadas, e com essa problematização, buscam modificar o padrão social que é imposto como natural. Na educação tradicional em escolas, o corpo docente pode agir como precursores de questionamentos acerca da temática (Oliveira et al., 2018, p. 18), e da mesma forma os profissionais de saúde podem auxiliar a romper os parâmetros biomédicos binários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceitos ligados a gênero e suas implicações no cotidiano vem ganhando espaço na literatura científica brasileira, porém, dentro de seus desdobramentos, o conceito “generificação” é pouco explorado. Esse conceito necessita ser reafirmado nos estudos de gênero, não sendo percebido apenas como uma ramificação destes. Nos artigos analisados, o termo é utilizado secundariamente sem uma conceituação explícita, sendo seu significado subentendido e sem aprofundamento, visto que não constitui o foco principal das pesquisas. A necessidade de conceituação do termo generificação advém da urgência que esse processo não seja naturalizado no cotidiano, nomear uma prática, possibilita que ela seja identificada e problematizada.

A generificação é um processo contínuo de atribuição de significados de papéis de gênero que começa desde o nascimento e permeia toda a vida do indivíduo, se refere como a sociedade é influenciada por normas que categorizam e organizam as experiências, identidades, comportamentos e instituições de acordo com lógicas de gênero dominantes. Neste sentido, a generificação pode ser uma reprodução social que condiciona a ser homem e a ser mulher dentro de um padrão hegemônico de gênero, cristalizando as formas de vivências. Ao reafirmar a generificação apenas pelo viés binário homem e mulher, se criam obstáculos para que a fluidez do termo gênero seja abordada nos diversos campos, abrindo margem para preconceitos e discriminação.

Pesquisas sobre generificação estão sendo produzidas em diversas áreas de conhecimento, principalmente em ciências humanas. Os resultados dessas pesquisas demonstram a generificação como uma construção social, que está presente na formação da identidade de sujeitos mesmo antes de seu nascimento, sendo condicionados a prática binária hegemônica. A generificação está no cotidiano, sendo reafirmada e naturalizada por meio de práticas na saúde, educação, lazer e cursos profissionalizantes. Estudá-la permite compreender melhor questões relacionadas à desigualdade de gênero, como essa disparidade é perpetuada e como é possível combatê-la. Avaliar o caráter interseccional desse conceito permite que outros paradigmas, como questões raciais, colonialidade e patriarcado, sejam explorados e percebidos sobre uma nova ótica, para possibilitar a participação ativa de mulheres diversas, a partir de ações políticas, sociais, culturais e econômicas.

É notável a necessidade que essas pesquisas sejam produzidas em todas as regiões do Brasil pois, por ser uma questão social, a generificação é afetada pela cultura. A região norte apresentou apenas um estudo, o que pode estar relacionado ao apagamento desta região e a falta de investimento científico, já que a Amazônia é vista desde a colonização como um local de exploração. A valorização de pesquisadores do Norte é essencial para que haja a quebra desse ciclo.

Essa revisão teve como limitação a baixa quantidade de artigos, sendo um reflexo dos critérios de exclusão, como o foco em pesquisas recentes, a exclusão de teses, dissertações e livros e a utilização apenas do termo em português, o que impossibilitou explorar pesquisas internacionais, que pode ter influenciado a ausência de conceituação do termo. Futuras pesquisas, ao investigar a generificação, devem priorizar a sua conceituação para fortalecer o termo, permitindo desvelar práticas que cerceiam a sociedade. É necessário mais estudos sobre esse processo para que se possa entender, sobre outras perspectivas, questões ligadas

ao machismo, homofobia e racismo, e para que seja possível se pensar em outras referências para além da binaridade de gênero.

## REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice (2017). *A Reinvenção do Corpo - Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. 3ª ed. Salvador: Editora Devires.
- BONELLI, Maria da Glória (2021) Profissionalismo, generificação e racialização na docência do Direito no Brasil, *Revista Direito GV*, v. 17, n. 2. <https://doi.org/10.1590/2317-6172202126>
- BUTLER, Judith (2014). Regulações de Gênero, *Cadernos Pagu*, n. 42, p. 249–274. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>
- BUTLER, Judith (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Routledge.
- CARVALHO, Danniell da Silva (2020). Aspectos da morfossintaxe de gênero no português brasileiro. *Cuadernos de la ALFAL*, v. 12, n. 2, p. 357–384. [https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12\\_2\\_cuaderno\\_016.pdf](https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_016.pdf) (acesso em 15/03/2024).
- CARVALHO FILHO, Evanilson Gurgel de; MAKNAMARA, Marlécio; CHAVES, Silvia Nogueira (2022). Maquinações generificadas no currículo das narrativas seriadas. *Revista Estudos Feministas*, v. 30, p. e80256.
- CHOTOLLI, Wesley Piante; BRANCALEONI, Ana Paula Leivar (2022) Performatividade e gênero: Configurações Do Masculino E Feminino No Cotidiano Escolar, *Revista Contemporânea De Educação*, v. 17, n. 38, p. 97–115. <https://doi.org/10.20500/rce.v17i38.43133>
- COELHO, Magdalena Cortese; HÄYRÉN, Anneli (2023). Mulheres que “Têm Tudo”: Família versus Trabalho em um Estudo de Caso de uma Empresa Norueguesa no Brasil, *Organizações & Sociedade*, v.30, n. 2, p. 448–476. <https://doi.org/10.1590/1984-92302023v30n0016pt>
- COSTA-JÚNIOR, Florêncio Mariano; ALMEIDA, Bettina dos Santos; CORRER, Rinaldo (2019). Concepções Sobre Gênero E Formação No Campo Da Psicologia Da Saúde. *Revista Ibero-americana De Estudos Em Educação*, v. 14, n. n. esp. 2, p. 1441–1464. <https://doi.org/10.21723/riaee.v14iesp.2.12610>
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan; ROMERITTO, Renato; RUANI, Ruan Moutinho (2020). Celebrando a normatização da vida: (re)pensando os corpos infantis arbitrariamente generificados em vídeos de “Chás de Revelação” do YouTube. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 6, n. 2, p. 469–488. <https://doi.org/10.12957/riae.2020.46467>

- CURADO, Jacy; JACÓ-VILELA, Ana Maria; (2021). Estudos De Gênero Na Psicologia (1980-2016): Aproximações E Distanciamentos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, n. 2. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003219132>
- European Institute for Gender Equality (2016). Conheça o EIGE. [https://eige.europa.eu/taxonomy/term/1339?language\\_content\\_entity=pt](https://eige.europa.eu/taxonomy/term/1339?language_content_entity=pt) (acesso em 15/03/2024).
- FRAGA, Aline Mendonça; OLIVEIRA, Sidinei Rocha (2022). Masculinidades e feminilidades a bordo: Projeto (s) de gênero na carreira de comissárias e comissários de voo. *Revista de Administração de Empresas*, v. 62, n. 3, 2022. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020220309>
- GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa (2021). Masculinidades e a Formação de professores/as de Educação Física na EEFD/UFRJ. *INTERthesis*, v. 18, n. 1, p. 1–22. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2021.e72238>
- GIROTTI, Lúcio Costa; TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso; MARRAS, Stelio; MISKOLCIL, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes (2023). *Em Outra Voz: práticas e tecnologias biomédicas de generificação. Sexualidad, Salud y Sociedad*, v. 3, n. 39. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2023.39.e22202.a>
- GREGORI, Maria Filomena (1988) *Violência Contra a Mulher: a prática do SOS-Mulher (SP)*. Dissertação. São Paulo: Faculdade de Ciência Política da Universidade de São Paulo.
- GROSSI, Miriam Pillar (1988), *Discours sur les femmes battues: représentations de la violence sur les femmes au Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado. Paris: Universidade de Paris V.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2023). Fronteiras do Brasil: primeiros resultados do censo demográfico de 2022. *Conheça o IPEA*. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/12359> (acesso em 15/03/2024).
- KOLLER, Silvia Helena (1990). *Diferenças de gênero no julgamento moral*. Dissertação. Rio Grande do Sul: Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LOURO, Guacira Lopes (2018). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. *Autêntica*.
- MONEY, John (1973). Gender role, gender identity, core gender identity: usage and definition of terms. *Journal of American Academy Psychoanalysis*, 1, a: 397-402.
- MOREIRA, Maria de Fátima Salum; PRADO, Vagner Matias do; CAVALEIRO, Maria Cristina (2019).. Quando o futebol é de mulheres: suspeitas, regulações e transgressões no campo dos gêneros e sexualidades. *Ensino em Re-Vista*, v. 26, n. 2, p. 524-546. <https://doi.org/10.14393/er-v26n2a2019-11>

- MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. (1977). “*Trabalhadeiras*” e “*camarados*”: Um estudo sobre o status das mulheres numa comunidade de pescadores. Brasília: Universidade de Brasília.
- OLIVEIRA, Patricia Fernandes; NICOLINO, Aline da Silva; NASCIMENTO, Maria José; OLIVEIRA, Paulo Cesar Soares (2018). Educação generificada: uma análise do ensino técnico em Enfermagem em Goiás. *Revista Inter-Ação*, v. 43, n. 3, p. 739-754. <https://doi.org/10.5216/ia.v43i3.48927>
- PEREIRA, Georgia Martins Carvalho; AZIZE, Rogerio Lopes (2019). “O problema é a enorme produção de espermatozoides”: concepções de corpo no campo da contracepção masculina. *Saúde e Sociedade*, v. 28, p. 147-159. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019180797>
- PETERS MDJ, Godfrey C, McInerney P, Munn Z, Tricco AC, Khalil, H. Chapter 11: *Scoping Reviews (2020 version)*. *Aromataris E, Munn Z, editors*. JBI Manual for Evidence Synthesis. JBI; 2020. <https://synthesismanual.jbi.global>. <https://doi.org/10.46658/JBIMES-20-12>
- PIMENTEL, Laura Mostaro (2022). Trajetórias generificadas de profissionais no campo jurídico: construção metodológica de pesquisa de campo durante a pandemia de Covid-19. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, n. 33, p. 231-255. <https://doi.org/10.47284/2359-2419.2022.33.231255>
- RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas (2019). A produção generificada do brinquedo de miriti: marcas de colonialidade. *Revista Cocar*, v. 13, n. 25, p. 136-159. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2180> (acesso em 15/03/2024).
- RIOS, Pedro Paulo Souza; DIAS, Alfrancio Ferreira; VIEIRA, Andre Ricardo Lucas (2020). Relações de gênero no recreio escolar: brinquedos, brincadeiras, construções sociais. *Educação em Foco*, v. 23, n. 40, p. 273-293. <https://doi.org/10.24934/eef.v23i40.3061>
- RUBIN, Gayle (1975). The traffic in women: Notes on the “political economy” of sex.
- SACRAMENTO, Jonatan (2018). Gênero e tecnologia na erradicação da varíola. *Revista Gênero*, v. 18, n. 2. <https://doi.org/10.22409/rg.v18i2.1144>
- SAFFIOTI, Heleieth (1976). *A mulher na sociedade de classes: Mito e Realidade*. São Paulo: Quatro Artes.
- SANTOS, Dominique Stefany Gomes; SGUAREZI, Sandro Benedito; NEVES, Luciene (2020). GÊNERO E SEXUALIDADE EM ASSENTAMENTOS RURAIS. *Revista GeoPantanal*, v. 15, n. 28, p. 141-158. <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/11091> (acesso em 15/03/2024).
- SARAIVA, Karla; GONZALEZ, Deborah (2018). Corporeidades no aplicativo Pou. *TEXTURA-Revista de Educação e Letras*, v. 20, n. 44. <https://doi.org/10.17648/textura-2358-0801-20-44-4535>



- SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline (2023). Musculação como espaço generificado e sexualizado? notas etnográficas. *Conexões*, v. 21, p. e023006-e023006. <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8673162>
- SILVA, Andressa Thielly Machado Silveira; LOPES, Tiago Ricciardi Correa (2022). Performance de Gênero e Videoarte no curta Pink or Blue. *Iluminuras*, v. 23, n. 62. <https://doi.org/10.22456/1984-1191.116309>
- SILVA, Iolete Ribeiro (2009). A rede de proteção de crianças e adolescentes envolvidos em situações de violência na perspectiva dos direitos humanos. In: Conselho Federal de Psicologia. (Org.). *Falando sério sobre a escuta de crianças envolvidas em situação de violência e a rede de proteção*. 1ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, v. 1, p. 17-26.
- SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira (2021). Entre princesas e heróis: reflexões sobre identidades e currículo. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 16, n. 35, p. 84-104. <https://doi.org/10.20500/rce.v16i35.34495>
- SILVEIRA, Catharina da Cunha; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; FÉLIX, Jeane (2019). A generificação da intersectorialidade no Programa Saúde na Escola. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 100, p. 423-442. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i255.3807>
- SOMARIVA, João Fabrício Guimara; CRUZ, Tânia Mara (2018). A prática pedagógica do futebol nas aulas de educação física sob uma perspectiva de gênero. *Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, v. 12, n. 22, p. 389-409. <https://doi.org/10.19177/prppge.v12e222018389-409>
- SOUZA, Ana Paula Abrahamian (2018). As danças midiáticas e o governo dos corpos infantis na contemporaneidade: lições sobre a produção de corpos heteronormativos. *Revista Cocar*, v. 12, n. 23, p. 264-287. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1728> (acesso em 15/03/2024).
- TAMANINI, Marlene; QUAGLIATO, Henrique da Costa Valério. (2022). Uma voz diferente e as diferenças em meio ao vozerio: Gilligan revisitada à luz da teoria feminista. *Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, v.14, n.(esp), p.104-144. <https://doi.org/10.36311/1984-1655.2022.v14.esp.p104-144>.
- TORRES, Iraildes Caldas (1997). Gênero e Cidadania: construção da Consciência da Mulher enquanto sujeito político. In: Maria da Penha Félix. (Org.). *Mulheres em Busca da Paz*. 1ed. Brasília: SERPAJ/Brasil, v. 1º, p. 11-25.
- VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria de; CARDOSO, Livia de Rezende; FÉLIX, Jeane. Por uma Educação Obscena a Desfocar nossos Corpos de Hipo Mulheres. *Educação em Revista*, v. 34, n. 0. <https://doi.org/10.1590/0102-4698177614>.



WENETZ, Ileana(2013). Bonecas e Barbies no contexto escolar: feminilidades em pauta? In: Dornelles, Priscila Gomes; Wenez, Ileana; Schwengber, Maria Simone Vione (Org.). *Educação física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Ed. Unijuí. p. 193-214.